Notas sobre Historia da Pesca no Ceará

RUI SIMÕES DE MENEZES

1. Publicou "O POVO", em janeiro de 1974, um quadro estatístico, relativo às exportações cearenses em 1973, para o exterior. Nesse quadro, os produtos da pesca — lagosta, pargo ou vermelho, algas, barbatanas e couros de tubarão, camarões — ficaram à cabeça da lista, desbancando o algodão, nosso principal produto de exportação, até 1972.

2. "Penetrando mais profundamente no passado, descobriremos o sentido do futuro; olhando atrás de nós, caminhamos para a frente" (Herzen). Pensando assim, julgamos oportuno divulgar estas notas sobre a história da pesca no Ceará (pretendíamos redigir trabalho mais completo e concatenado, mas nos falta o tempo necessário).

3. Tanto quanto sabemos, a primeira referencia ao pescado, no Ceará, figura no "Diário de Mathias Beck", holandês que ocupou Fortaleza, em 1649. Assim, no dia 2 de agosto daquele ano, escrevia Beck: "Esta manhã acordei com dois sargentes enviá-los à pesca, cada um com dez homens e uma rede, devendo semanalmente recolher ao armazém 300 peixes salgados de bom tamanho e aproveitáveis" ("Commemorando o Tricentenário da vinda dos primeiros portuguezes ao Ceará — 1603-1903", Tip. Minerva, Ceará, pp. 1-431, cit. p. 399). Antes disto, a "Relação do Ceará", de Martins Soares Moreno (loc. cit., pp. 191-198), informava que "toda aquela costa é de muito peixe e os rios o propria" (p. 196).

4. Djacir Menezes (1970, "O Outro Nordeste", Artenova, 2ª edição) menciona Pompeu Sobrinho, o qual distinguiu três áreas etnográficas no Nordeste do Brasil: — a dos **vaqueiros**, dominando a caatinga; a dos **engenhos**, dominando o litoral e vales úmidos da costa para o ocidente do Serra do Mar; a dos **pescadores**, dominando as praias baixas, arenosas, cheias de dunas (p. 33; original de Pompeu Sobrinho, "O Homem do Nordeste", publicado no antigo "Boletim da IFOCS"). Mais adiante, escreve Djacir Menezes: — "Está bem descrita a fisionomia geral das culturas indígenas do Nordeste: casa, **pesca**, cultura da mandioca, tabaco e coca... Uso do curare, da flecha, da lança, do arco, do remo, do **anzol**, da ara-

puca" (p. 53). "O amerincola era nômade porque não chegara à forma superior da atividade agrícola, e a caça e a pesca imprimem mobilidade ao grupo" (p. 97).

5. Joaquim Alves (1953, "História do Ceará. Monografia n.º 23, 1.º vol. História das Secas (Séculos XVII a XIX") escreve: — "No século 17, "as pescarias nos rios e lagos costeiros garantiam a alimentação, senão abundante, ao menos limitada, para manter as necessidades mais prementes da vida vegetativa" (p. 51). Estuda, em subcapítulo, intitulado "Beaurepaire Rohan e o problema da piscicultura na primeira metade do século passado" (pp. 157-161), a pesca continental e a piscicultura no Ceará; mostra que Rohan,, em 1860, afirmava que os açudes "serviriam de viveiro de inúmeras espécies de peixes, o que seria um recurso importantíssimo para a população"; e conclui: — "Decorridos quase noventa anos, o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, pelo Serviço de Piscicultura, iniciou o trabalho de criação racional do peixe nos açudes construídos pelo Governo Federal, que corresponde, justamente, às sugestões de Beaurepaire Rohan, que não foram atendidas no seu tempo e permaneceram esquecidas nos arquivos, apesar do aspecto prático que apresentavam".

6. João Brígido (1919, "Ceará (Homens e factos)", Tip. Besnard Frères, Rio de Janeiro) transcreve artigos das posturas de Fortaleza, datadas de 26 outubro 1811, atinentes às pescarias e consumo do peixe (pp. 224-225).

7. Thomaz Pompeo de Souza Brazil (1858, "Memória estatística da Província do Ceará, sob sua relação physica, política e industrial", Fortaleza, pp. 1-68, diversos quadros) escreve: — **"Pesca** — É feita na costa em jangadas, e alguns currais; posto que a costa seja muito piscosa, esta indústria não tem feito progressos: o termo médio de seu rendimento orça por 13:500$000" (tomo I, p. 46).

8. O mesmo autor (1863, "Ensaio estatístico da Província do Ceará", vol. 1: i-xv + 1-839; vol. 2: 1—330) pormenoriza: **"Pesca** — esta indústria, se fosse bem explorada, era suficiente por si para abastecer toda a província, e entreter uma larga exportação. Nas praias do Aracati, Cascavel, Fortaleza, Trairi, Mundaú, Acaracu e Granja é onde se fazem maiores pescarias em currais, redes, e a corso em jangadas. Do Acaracu já se exportou grande quantidade de camaropim; hoje porém está reduzido este ramo de comércio. Parece mesmo que antigamente se exportava desta cidade maior

quantidade, porquanto no ano de 1813 acho num mapa oficial a exportação de 1.017.541 peixes secos (vol. 1: 348). Nos dias atuais, a indústria de pesca cearense é uma grande realidade, graças ao espírito progressista dos nossos empresários. A IPECEA exporta pescado cearense para o mercado baiano, abastece o mercado de Fortaleza ("Casas do Peixe") e arrecada milhões de dólares com a exportação de produtos pesqueiros.

9. O autor citado no § antecedente menciona os peixes mais importantes (vol. 1: 215-216); e apresenta abundantes estatísticas sobre importação e exportação de pescado (vol. 1: 416-424; 432-441; 452-456; 468-469). Segundo ele, até março de 1861, havia 605 embarcações de pesca (vol. 1, p. 489), discriminando uma catraia, 123 canoas e 174 jangadas.

10. Thomaz Pompeu de Souza Brazil, (1893, "Estado do Ceará na Exposição de Chicago", Tip. d'A República, Fortaleza, seis páginas sem numeração, I-IV + 1-274) consigna muitos comentários sobre a pesca (pp. 20-21; 48; 49; 50). Destaca: — **"PESCA.** — Parece que esta indústria foi outrora mais explorada do que é atualmente, senão em absoluto, ao menos em relação à população. O litoral cearense é extenso e em grande parte semeado de baixios e bancos de areia, principalmente na embocadura dos rios onde certas espécies de peixe vêm desovar e procriar. Talvez a barateza do bacalhau importado e as dificuldades de transporte do peixe salgado do litoral cearense tenham influido para a limitação desta indústria. É certo que desde o ano de 1813 se encontra num mapa oficial a exportação de 1.017.541 peixes salgados. Faltam-nos dados oficiais para calcular a produção, que é considerável, atendendo ao consumo resultante em parte das obrigações religiosas, e do melhor preço do peixe comparado a carne de gado". O valor oficial da arrematação do imposto da pesca foi de 44:700$000, em 1845-1849; e de 287:656$000, em 1885-1889 (pp. 121-125). Relaciona Antonio Bezerra como expositor, em Chicago, de piranha, piau, sarapó, gangati, traira, curimatã, jutubarana, acari-sovela, piau branco, piau preto, piau ferreiro, sardinha, piau de pedra, mocinha, pirambeba, jundiá, acará, piaba-rei, camboatá, mandi, piaba-chata, acori-barbado; e outros expositores, de esponjos, búzios, caniço, rede de pescar, tarrafa, curral de pescar, jangada de pescaria, giqui para pescarias, poita.

11. O mesma autor de § anterior (1922-1926, "O Ceará no Centenário da Independência do Brasil", vol. 1: I-III, I-V, 1-562; vol. 2: I,II, 3-742. Tip. Minerva, Fortaleza) apresenta dados fundamen-

tais (v. 1: 183-187 187-191; v. 2: 254-257). Focaliza a empresa Salgado que, nos primeiros anos do século 20, empregou barcos de pesca motorizados no Ceará.

Fortaleza, 06 fevereiro 1974.

(Rui Simões de Menezes — Rua Senador Pompeu, 2913 — telefone: 23.1573 — 60.000 — Fortaleza, Ceará, Brasil).